

Briga política adiou mudanças em Bonsucesso

Quando o ministro Alcení Guerra decidiu mudar a administração do Hospital Geral de Bonsucesso, considerado por ele como "dantesca", certamente não esperava enfrentar tanta resistência por parte dos funcionários. Com várias unidades recém-inauguradas e equipamentos de alta qualidade, o hospital ficou com atividades paralisadas por um mês, porque a maior parte dos servidores passou a exigir a exoneração da nova diretora, Vera Oswaldo Cruz. Agora, o ex-diretor Paulo Darcy de Almeida é o indicado pelo mesmo ministro para substituir Vera.

Alcení Guerra destinou Cr\$ 232 milhões, no fim do ano passado, para as primeiras obras do Hospital de Bonsucesso. Em três meses as obras foram concluídas, de acordo com Vera Oswaldo Cruz, mas a emergência ficou fechada até o fim de junho por causa de liminar concedida pela Justiça ao Sindicato dos Médicos, contra a mudança nos horários de trabalho promovida pela ex-diretora. "Isto desorganizou o sistema de atendimento montado pela direção", diz Vera.

Pelo cronograma de obras, ainda falta realizar reformas na maternidade, concluir serviços no prédio dos ambulatorios, reformar a cozinha e os refeitórios e construir o heliporto. Vera afirma ter encontrado uma administração caótica no hospital, complicada até hoje, mesmo com a implantação de diversas mudanças. "Antes os horários eram marcados de acordo com a conveniência do funcionário e não do paciente", afirma ela. Vera enfrentou oito meses de intensa oposição. Já no dia da posse, foi recebida com vaias. Logo depois, funcionários e representantes de associações de moradores da Leopoldina fecharam uma pista da Avenida Brasil para denunciar a exoneração de seu antecessor, Roberto Tocantins. A principal acusação contra Vera era a de que ela iria tentar desativar diversas clínicas médicas



Vera enfrentou oposição

para transformar o hospital numa grande emergência, diminuindo o número de leitos, de 520 para 390. A última medida impopular de Vera foi a delimitação de vagas para estacionamento, dando preferência a diretores e chefes de equipe.

"Quando o hospital foi planejado, há 43 anos, existiam 800 leitos. Mas antigamente hospital era como dispensário, cheio de camas e com poucos equipamentos. Hoje temos andares repletos de aparelhos que ocupam o lugar dos leitos. O máximo de ocupação do hospital seria atualmente de 620 leitos", rebate a ex-diretora. Ela diz que encontrou o hospital com 477 leitos ativados e perdeu 30 leitos com as obras. Agora, com a inauguração dos serviços de coração, pediatria e emergência, o total, afirma Vera, subiria para 526 leitos. Com a coragem de contestar opositores como o Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro, Vera garante que os 811 profissionais da enfermagem e 620 médicos são suficientes para o atendimento médio de mil pacientes por dia.